



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Pereira Barbosa, Maria Nadeje; dos Santos, Manoel Antonio
Considerações sobre a Dimensão Biológica do Conceito de Pulsão em Freud
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 162-170
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818203>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Considerações sobre a Dimensão Biológica do Conceito de Pulsão em Freud

Maria Nadeje Pereira Barbosa

Manoel Antonio dos Santos²³

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Universidad Complutense de Madrid

Resumo

Neste artigo postula-se a existência de uma dimensão biológica do conceito de pulsão na obra de Freud, relacionada com a gênese e o desenvolvimento do aparato psíquico. Considerando que no pensamento freudiano existe uma tensão entre duas modalidades discursivas, a primeira relacionada com os desenvolvimentos da hipótese estrutural sobre o inconsciente, e a segunda que função gravitacional de teorizações provenientes da fisiologia e da biologia, estabelece-se determinadas linhas de força que atravessam o pensamento freudiano, designadas como variantes evolucionistas e decompostas em variantes evolucionistas-ontogenéticas-derivativas e filogenéticas-instintuais e evolucionistas-ontogenéticas constitutivas. Ao final do artigo, conjectura-se que com a expansão da reflexão freudiana, seja possível traduzir numa linguagem metapsicológica os aspectos fronteiriços da reflexão freudiana.

Palavras-chave: Pulsão; Freud; psicanálise; biologia.

Considerations about the Biological Dimension of the Instinct Concept in Freud

Abstract

In the present report we postulate the existence of a biological dimension implicit in the concept of instinct in Freud's work. Considering that in Freudian thought there is a tension between two modalities of discourse, the first related to the developments of the structural hypothesis about the subconscious and the second functioning center for theoretical constructs derived from physiology and biology, certain lines of force are established which permeate the Freudian thought, designated as evolutionary variants and broken down into evolutionary-ontogenetic-derivative, evolutionary-phyletic evolutionary-ontogenetic-constitutive variants. At the end of the article we propose that, with the expansion of psychoanalysis, it will be possible to translate into a metapsychological language the frontier aspects of Freudian reflection.

Keywords: Instinct; Freud; psychoanalysis; biology.

A expansão da disciplina fundada por Freud permite identificar pontos de inflexão que conduzem ao estabelecimento de novos descobrimentos e à formulação de novas hipóteses. O exame de tais desdobramentos orienta nossa atenção para alguns aspectos *tensos* do pensamento freudiano, recorrendo a uma expressão de Sandler (1982, p. 580), em consonância com o fundamental que se depreende de tal expansão, relativizando determinadas formulações, recusando-as veementemente, ou buscando nelas um esclarecimento, sem que isso implique em alterar seus postulados fundamentais.

O conceito de pulsão (*Trieb*) na obra de Freud, objeto desta tripla tendência, revela sua fecundidade na medida em que a discussão sobre seu valor heurístico deu lugar a diferentes orientações psicanalíticas, que são uma das expressões mais significativas da expansão da psicanálise. Contudo, os aspectos obscuros que persistem na teoria freudiana das pulsões reconhecidos inclusive por Freud (1925/1996)⁴,

consequentes, estabelecem um amálgama de teorias geralmente mais confundem do que esclarecem, somente uma teoria das pulsões incompleta, mesmo atual que alguns autores demonstram em relação a elas.

Por outro lado, paulatinamente vem se tornando peculiar maneira com que Freud introduz teorias no seu discurso. Paulatinamente porque, mesmo que destaque, as raízes biológicas da psicanálise não são consideração apenas a partir do eminentemente biológico. Este autor assinala que o próprio Freud, mesmo que homem como entidade biológica, não é biológico. As raízes biológicas da psicanálise, e que a maior parte das teorias fundamentais de Freud são de ordem biológica, é uma inspiração, como nas suas implicações (Sullivan, 1972).

Pois bem, o conceito de pulsão, tal como é formulado

Na verdade, Freud recorre ao saber da biologia para fundamentar determinadas hipóteses da sua teoria das pulsões que, inseridas nos albores da disciplina fundada por ele, mostravam-se obscuras aos olhos do próprio Freud. O que permite postular, no cerne do pensamento freudiano, uma dimensão biológica da pulsão, vinculada aos aspectos cruciais da reflexão psicanalítica ou, o que resulta no mesmo, ao caráter enigmático da gênese e do desenvolvimento do aparelho psíquico.

Uma possível objeção ao tema que será tratado nas próximas linhas é a eleição unilateral de um determinado aspecto da pulsão (o biológico) em detrimento de uma reflexão mais ampla, que inclua o psíquico. Entretanto, prefere-se manter uma certa prudência metodológica em relação às formulações de Freud nas quais o conceito de pulsão aparece atado ao biológico, com a finalidade de detectar as dificuldades que surgem no plano da teoria pulsional. Tratar de um aspecto da pulsão que se apresenta obscuro não somente no interior do pensamento freudiano, mas também nos desenvolvimentos psicanalíticos posteriores a Freud, contribui para a consecução deste objetivo.

Em outro estudo (Barbosa, 2001), foram assinalados os elementos da dimensão biológica incompatíveis com a hipótese sobre a sexualidade inconsciente, a saber: a concepção de sexualidade desde o ponto de vista instintual em detrimento do pulsional; a concepção que trata sobre a origem e a evolução do aparelho psíquico nos termos de adaptação à realidade; e a concepção da meta da sexualidade nos termos estritos de reprodução das espécies. Ali, asseverou-se que, paradoxalmente, alguns destes elementos aparecem na obra de Freud, mesmo considerando-se a mudança radical que uma reflexão propriamente psicanalítica sobre a pulsão produz no seu pensamento.

No presente trabalho, estes assinalamentos servirão de índice para postular a existência de uma dimensão biológica do conceito de pulsão no pensamento freudiano, assim como sua amplitude e complexidade. A tendência de Freud em não ser somente um espectador dos avanços da biologia do seu tempo, mas também procurar dar uma versão psíquica a estes desenvolvimentos, mesmo assumindo o risco de solapar seus próprios descobrimentos, dá um significado especial a esta dimensão.

Dentro desta mesma ordem de considerações, o rastreamento de uma dimensão biológica do conceito de pulsão tomará como marco a leitura dos seguintes textos de Freud: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996b), *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (Freud, 1911/1996c) e *Ação de triunfante de trazer*

do saber, importando explícita e implicitamente os pressupostos científicos do seu tempo. Freud era, antes de tudo, um cientista assentado no mais rigoroso anti-

A partir da hipótese estrutural sugerida, é possível que seja possível incluir uma série de explicações proveniente da filosofia e da fisiologia. A reflexão psicanalítica e, como consequência, a este conceito. Esse processo é constituído por uma reflexão sobre uma tópica dos processos mentais que evocar um aparelho neuronal dotado de uma estruturação com ênfase à noção de aparelho psíquico, que é a sua localização psíquica (*psychischen Lokalisierung*), no capítulo VII da *Interpretação dos processos oníricos* (Freud, 1900/1996a).

A perspectiva tópica, genuinamente freudiana (Anzieu, 1989), evocaria assim uma tópica dos processos mentais que é o outro, dotado de uma realidade que é a sua especificidade do campo psicanalítico, baseando-se no tempo da consciência, que é o tempo da memória, uma falha, uma ferida, uma frustração, uma tensão, uma tensão (Zeithos), segundo as palavras de Freud. Lugar outro em que a formulação de um conceito tem uma especial destaque; como assinala Ricoeur (1970, p. 103): "O que é importante é que porque existem relações de força que se estabelecem entre os conceitos, que se defendem e proibem". Estas considerações remetem direta e indiretamente ao conceito de pulsão e a tópica dos processos mentais.

Com o estabelecimento da hipótese estrutural, dá-se início a uma operação de transformação que é a reflexão metapsicológica. Entretanto, esta operação não é totalmente lograda, sobretudo quando os resultados que dependem da hipótese estrutural não se concretizam no pensamento freudiano nos anos posteriores ao estabelecimento da hipótese. Freud, no decorrer de sua carreira, vai modificando os conceitos propriamente psicanalíticos, a sua observação clínica, com hipóteses diferentes, que é o lado, a transposição efetuada por Freud, que é o lado que é o lado em que logra converter os modelos

relacionada com o caráter enigmático da gênese e dos movimentos do aparelho psíquico.

O que termina por desvelar as tensões produzidas entre duas modalidades discursivas, nas quais o conceito de pulsão aparece como base. Se a primeira, que tratamos de delinear nas páginas anteriores, está enlaçada com os desenvolvimentos da hipótese estrutural sobre a sexualidade inconsciente e encontra nos conceitos de fantasia (*Phantasie*) e desejo (*Wunsch*) a base das formulações que dão à psicanálise toda a sua originalidade, a segunda, que constitui o foco de interesse deste trabalho, funciona como centro gravitacional de teorizações provenientes da biologia e da fisiologia.

No que se refere à dimensão biológica do conceito de pulsão, esta segunda teorização apresenta determinadas linhas de força que atravessam o pensamento freudiano e que, a partir de agora, serão apresentadas e situadas nos textos de Freud dos quais foram extraídas. São as variantes evolucionistas, que podem ser decompostas em evolucionistas-ontogenéticas-derivativas, evolucionistas-filogenéticas-instintuais e evolucionistas-ontogenéticas-constitutivas do conceito de pulsão.

Variantes evolucionistas do conceito de pulsão

A adesão inicial de Freud à teoria evolucionista, presente desde suas pesquisas como neurólogo, tal como assinala Gay (1989), marcará sua presença no desenvolvimento das suas hipóteses propriamente psicanalíticas. Jones (1997) descreve as contribuições de Freud à teoria da evolução no decorrer da sua obra, mesmo reconhecendo que seus aportes ao campo da biologia foram mais acidentais que deliberados. Com efeito, as idéias expostas no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950/1996m), obra póstuma de Freud e marco propriamente teórico da introdução da expressão Trieb, revelam que o recurso às hipóteses do campo da biologia constituem um poderoso ingrediente no processo de elaboração das suas hipóteses que encontravam na teoria da evolução uma base comum, assim como no que de original se deduz do desenvolvimento da noção de aparelho psíquico, a qual culmina com o estabelecimento da hipótese estrutural acerca da sexualidade inconsciente. Estas considerações sublinham a importância do *Projeto...* (Freud, 1950/1996m) em relação ao conjunto de sua obra, mesmo considerando-se que as idéias expostas neste trabalho somente

Trieb no pensamento freudiano, depreendem-se relativas a este conceito, inseridas numa teoria que, paradoxalmente, coexistem não somente sucessivas edições que compõem esta obra (1901, 1922, 1925), mas no seu pensamento como um forte demonstram as vicissitudes da adesão de evolucionistas, assim como as consequências da adesão, a saber, as variantes evolucionistas-ontogenéticas e evolucionistas-filogenéticas-instintuais.

Assim, é possível afirmar que, se é certo que a dimensão instintual (com metas e objetos específicos) da sua formulação sobre a pulsão (que carece de sustento a hipótese sobre a contingência do objeto), é certo que introduz a dimensão biológica na genético-evolucionistas.

As variantes evolucionistas-ontogenéticas são variantes que abordam a gênese ontogenética da pulsão, decomposta nos seus componentes e na relação dialética de derivação com o instinto. Embora a pulsão seja descrita em termos de instinto ou seja, endógena. As pulsões também possuem temporalidade que, mesmo se perfilando sempre em termos da biologia (linear, cronológica, abrangendo sentido progressivo como regressivo), apresenta satisfação, que aponta a uma concepção dinâmica.

Na primeira edição dos *Três ensaios...* (Freud, 1905), Freud concebe a sexualidade infantil como anarquia e de poliformismo pulsional. As pulsões são auto-eróticas (pulsão oral, pulsão anal) apresentando satisfação independentes que predominam em cada etapa do desenvolvimento psico-fisiológico do sujeito. Em que parte do corpo, propícias também ao estímulo de excitação, as chamadas zonas erógenas (*erogenous zones*). O funcionamento anárquico gradualmente se converte em organizado (*Organisation*) a partir da puberdade; as pulsões se convertem em alo-eróticas e se submetem a satisfação: as zonas erógenas ficam subordinadas à genitalidade (Freud, 1905/1996b).

Depreende-se, assim, uma concepção de evolução de progressão do mais simples (as pulsões par-

reflexão sobre a teoria da libido a partir do estudo sobre as neuroses de transferência e da psicose. Tal teoria se iniciou a partir da importância atribuída ao erotismo anal em *Cardíte e erotismo anal* (Freud, 1908/1996c), para, em *A disposição à neurose obsessiva* (Freud, 1913/1996g), introduzir a hipótese de um estádio anal. Dentro desta mesma ordem de considerações, na terceira edição dos *Três ensaios...* (Freud, 1905/1996b), de 1915, Freud introduz a hipótese de um estágio oral e, finalmente, em *A organização genital infantil* (Freud, 1923/1996l), a de um estágio fálico no desenvolvimento da libido.

Esta alteração é muito significativa no pensamento freudiano; o estabelecimento de estádios no desenvolvimento libidinal indica que não se trata mais de uma concepção de evolução de unidades mais simples em direção a unidades mais complexas, mas da coexistência de duas organizações, a infantil e a adulta, que separadas entre si pelo período de latência (*Latenzperiode*) buscam abranger os avatares da sexualidade humana. Assim, o advento da sexualidade adulta, com a primazia da zona genital e o reconhecimento do objeto total, não se inscreve no sentido de que este último estágio, no tempo cronológico, exclui os anteriores, ou seja, os modos pré-genitais de satisfação da libido, mas somente se sustenta desde que mantendo uma relação dialética com aquele.

Laplanche e Pontalis (1983) consideram que esta mudança de perspectiva conduziu a uma nova extensão da noção de fixação. Mais do que fases do desenvolvimento da libido, a fixação engloba também a estrutura da atividade característica de cada etapa, que inclui não somente a atividade sexual e a escolha de objeto, mas também o modo como o sujeito concebe suas experiências intra e intersubjetivas. Por certo, as perversões revelam a detenção da evolução da pulsão sexual em um de seus componentes, mas a sublimação (*Sublimierung*) também revela a não integração da pulsão sexual. Assim, é possível detectar no adulto modos orais e anais de satisfação e não há porquê considerá-lo necessariamente perverso por não querer ou não poder procriar.

Convém sublinhar que foi mediante este proceder que Freud pôde ampliar a teoria da sexualidade humana em relação às doutrinas clássicas. Com efeito, foi em função de uma concepção evolutiva da sexualidade humana que foi possível aproximar a sexualidade infantil à sexualidade perversa, introduzir a hipótese sobre a fixação e regressão da libido, sem mencionar o

concepção já estava presente nos textos de Freud. A ideia da teoria da sedução para explicar a origem das neuroses, o propósito do caso Emma, no *Princípio da sexualidade*, a tentativa de saber, a ressignificação *a posteriori* da sexualidade infantil e excluído no interior do sujeito o que havia sido vivido no tempo por uma série temporal, é trazida de volta ao tempo segundo tempo. Entretanto, é trazida de volta ao tempo histórico, sugerindo uma fixação de um momento da história ontogenética do sujeito, seja nas conquistas sociais e culturais, ou seja, precisamente desta adesão de Freud ao princípio da evolução, filogênese da humanidade em detrimento da ontogenética que se deduz uma separação entre a dimensão biológica do conceito de libido e as teorias evolucionistas-filogenéticas-institucionais.

As variantes evolucionistas-filogenéticas da libido, as teorizações de Freud nas quais, baseadas na biologia, neste caso, na lei bioevolutiva, que determina qual a filogênese determina a ontogenese, a evolução da pulsão e filogênese. Estas teorizações são de natureza endógena e hereditária, e desembocam na temporalidade pré-histórica, mítica, origem das instituições e das neuroses, como cenário.

A concepção hereditária da pulsão sexual, que serve para fundamentar este conceito com um argumento que é o movimento de um pensamento que, de volta ao tempo, como Laplanche (1993), retornará ao princípio da sexualidade, a teoria morfológica de Weissman se torna fundamental para fundamentar a gênese do conceito de libido, que é resultado de dados da etiologia animal (migração, reprodução, ambiente de origem) em *Além do princípio da sexualidade* (Freud, 1924/1996j), tal como se verá mais adiante. O que é importante é que a pulsão sexual, que não consiste em importar a teoria da sexualidade humana da biologia e convertê-la em metáfora, deve ser usada para fundamentar uma conceitualização sobre a libido, que é resultado de uma hipótese tomada de empréstimo.

Esta hipotética relação entre pulsão sexual e sexualidade humana é a tentativa de Freud de dar uma versão moderna da teoria de Lamarck sobre a origem e a transformação das espécies.

demonstrar que as instituições humanas, incluindo a religião, derivam de instituições primitivas.

- Os prolongamentos psicolamarckianos inerentes à relação de correspondência entre a neurose de transferência (*Übertragungsneurose*) e a neurose narcísica (*narcissistische Neurose*) com a filogénese da espécie esboçada por Freud em um trabalho recentemente encontrado na correspondência que o fundador da psicanálise manteve com Ferenczi, intitulado *Sinopse das neuroses de transferência* (Freud, 1989/1985).

Estas especulações sobre a origem das instituições humanas e a relação de correspondência entre as neuroses e a filogénese da espécie, não devem ser entendidas como uma adesão cabal às hipóteses de Darwin e de Lamarck⁶. Delouya (1992) adverte que foi na hipótese de Spencer, segundo a qual existe um resumo na mente do indivíduo dos estágios da história da humanidade, que Freud se baseou. Partindo desta hipótese, Freud desenvolveu uma teorização peculiar baseada na transmissão filogenética das lembranças.

A introdução do conceito de fantasias primordiais (*Urpfantasien*) em *Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (Freud, 1915/1996h), reflete este estado de coisas. Definidas como estruturas que modelam e dão historicidade ao complexo de Édipo (*Ödipuskomplex*), apresentam sua origem numa realidade definida como pré-histórica, que busca enquadrar as singularidades pessoais. São as fantasias de sedução, de castração, de observação da cena primária (coito parental), de retorno à vida intra uterina. A novela familiar pode ser considerada como outra das fantasias primordiais.

Este interesse de Freud pelas origens, presente na relação entre ontogênese e filogênese, reflete, em última instância, sua inquietude naquilo que da ciência se aproxima ao mito. De todo modo, o reconhecimento de Freud sobre a tênue fronteira existente entre mito e ciência o conduz a se distanciar quando havia *alguma dúvida interna acerca de que estava penetrando demasiado em território alheio*, segundo as palavras de Jones (1997, p. 332; tradução dos autores), tomando certa prudência com relação às hipóteses da biologia, não sem reconhecer o caráter de mito científico das suas hipóteses, tal como assinala Grubrich-Simitis (1989). Dentro desta mesma ordem de considerações, na 23ª das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, intitulada *Os caminhos da formação dos sintomas* (Freud, 1916-1917/1996i), Freud postula o recurso às fantasias primordiais, quando o vivenciar

que se supõe pensar sobre a passagem do natural ao cultural, que, neste caso, Freud não se atém a uma idéia particular, mas à noção de uma seleção das teorias do mundo, da seleção natural, em *Formulações sobre os dois principais tipos de psicanálise* (Freud, 1911/1996e) a adesão às hipóteses de Darwin deve-se a partir de outra perspectiva.

O estabelecimento de uma psicologia generalizada (Freud, 1996e) demonstra o reflexo da influência que o darwinismo exerceu sobre o pensamento freudiano, em particular a origem da sexualidade humana e dos seus avatares, que dão ao indivíduo à realidade, a partir da paulatina diferenciação das classes de pulsões que compõem o primeiro dualismo pulsional: pulsões sexuais e as pulsões do ego, incorporando a autconservação, dualismo exposto inicialmente em *Psicanálise da perturbação psicogênica da visão* (Freud, 1911/1996f).

Neste esquema, as pulsões do ego se dividem em duas classes: as pulsões sexuais, estas últimas reguladas pelo princípio do prazer (*Lustprinzip*). Este processo é correlato ao princípio de realidade (*Realitätprinzip*), que é o regulador do aparelho psíquico. O que desvela o dualismo pulsional é o funcionamento psíquico. Pois bem, desta forma, o que é propriamente dito da psicanálise, depreende-se que a linha de força vinculada com a teoria da evolução é evolucionista-ontogenética, constituindo-se num esquema de progresso dentro de um esquema único em que a adaptação e a evolução são integradas.

As variantes evolucionistas-ontogenéticas constituutivas do esquema de Freud referem-se ao modo de pensar a origem e a evolução do aparelho psíquico nos termos de adaptação do organismo à realidade e em relação de conflito com a sexualidade. As variantes evolucionistas-ontogenéticas constituutivas do esquema de Freud inseridas numa concepção de progresso contínuo e linear, dentro de um esquema único em que a adaptação e a evolução são integradas.

Caberia interrogar neste ponto sobre a validade da equivalência entre as variantes evolucionistas-ontogenéticas e as variantes evolucionistas-constitutivas. Por certo, estas variantes evolucionistas-constitutivas estão incluídas numa concepção de realidade que é tanto biológica quanto social, assim como de temporalidade linear e cronológica.

que tanto o modo de funcionamento das pulsões sexuais como o da pulsão do ego são considerados organizações com leis de funcionamento distintas entre si. Nesse sentido, ambas as variantes apontam para uma concepção globalista.

Contudo, a introdução de outro termo na equação não somente no mesmo nível hierárquico que ocupa a sexualidade dentro de uma reflexão propriamente psicanalítica, mas também em oposição a ela, a saber, a adaptação, desemboca em um ofuscamento da noção de sexualidade, ou seja, a adaptação viria a substituir a sexualidade, quando a sexualidade na psicanálise é insubstituível.

Isso se perfila mais nitidamente na ênfase dada ao caráter desadaptado da pulsão sexual na psicopatologia e no desenvolvimento psicossexual normal: o sujeito-organismo, nas palavras de Bercherie (1996), deverá realizar uma “dura aprendizagem de adaptação ao real, conservando a nostalgia da auto-suficiência ilusória da sua vida pré-histórica (p. 372; tradução dos autores).

Por certo, a tela de fundo da teorização presente nestes anos é a concepção profana da sexualidade que viria contaminar os interesses do ego. Auge do primeiro dualismo pulsional, mas também seu ocaso; porque cada descobrimento da teoria da libido, que deveria validá-lo heuristicamente, colocava-o em questão. A introdução do conceito de narcisismo revelará que o ego está impregnado de sexualidade em todos os momentos de sua constituição e desenvolvimento, o que levaria a questionar o valor heurístico de uma pulsão do ego e de uma pulsão de autoconservação.

Se a variante evolucionista-ontogenética-derivativa aborda a gênese e a evolução da sexualidade humana, na variante evolucionista-ontogenética-constitutiva, para além da sexualidade introduz-se outro termo, a adaptação, que mantém com a primeira um conflito, como dois termos antagônicos. A adaptação do sujeito à realidade não necessariamente se opõe aos designios da sexualidade.

Assim, a psicologia genética esboçada por Freud em *Formulações...* (Freud, 1911/1996c) é concebida a partir da perspectiva da adaptação progressiva do organismo à realidade. Um ponto de vista reconhecido pelos desenvolvimentos da biologia, mas que, desde o ponto de vista psicanalítico, equivale a desmentir o suposto sobre a sexualidade inconsciente.

A ênfase na noção de progressão no sentido de aperfeiçoamento de unidades mais simples a unidades mais complexas, do anárquico

teorizações anteriores nas quais. Caracterizado pela especulação sobre a natureza de oposição entre soma e germe, e sobretudo este discurso biológico apresenta como base a teoria das pulsões. Primeiramente, Freud esforça no sentido da mudança e do progresso, a ser entendida como expressão da natureza (Freud, 1920/1996j, p. 47).

É a partir destas especulações que Freud esboçada em *Formulações...* (Freud, 1905/1996b), iria elaborar (Freud, 1920/1996j) com toda a sua força, as variantes evolucionistas.

No caso de *Além do princípio da razão*, é a partir destas especulações que delinear o vínculo entre pulsão sexual e sexualidade vislumbrar nas variantes evolucionistas a existência de uma tentativa por parte de Freud de teorização psicanalítica, especialmente entre pulsões de vida e pulsão de morte, de uma biologia, de modo a oferecer uma equivalência entre as leis que regulam o funcionamento do organismo e as leis que regulam o aparelho psíquico.

Referindo-se à falta da proteção do organismo, que provêm do interior do corpo, que perturbações similares às das pulsões, Freud introduz o conceito de pulsão constitutiva, que emanam do interior do corpo e se transmitem “desde logo o elemento mais importante” (Freud, 1920/1996j, p. 45). Obscuramente, Freud define a pulsão de um singular e complexo desejo, que é definida pela definição de pulsão propriamente dita, que neste texto é emblemática. Indevidamente, Freud define a pulsão pulsional (não ligado) e a pulsão de retenção (*Wiederholungszwang*), Freud define a pulsão de desejo (*Drang*) inerente ao organismo, que é a pulsão de coisas precedentes (Freud, 1920/1996j, p. 45).

Para postular este condicionamento, Freud recorre a determinados fenômenos naturais, como a migração dos peixes e das aves ao se reproduzirem.

O biológico atravessa, assim, a essência propriamente dita da pulsão não como metáfora ou analogia, mas como seu suposto fundamento. O poder conservador da vida se revelaria na repetição filogenética do adquirido e do constitutivo; recapitulação na qual está implícito o movimento mediante o qual se logra alcançar a finalidade da evolução dos organismos. Freud assinala que, desde o princípio da evolução dos organismos, as pulsões orgânicas conservadoras aceitam e preservam para ulterior repetição as modificações impostas aos mesmos, armazenando-as como marcas que cada vez mais se distanciam da finalidade última da evolução dos organismos. Daí a aparente impressão de que as pulsões trabalham no sentido da mudança e do progresso. Mediante vias longas ou curtas, a regressão, forma exterior de repetição, terminará por conduzir o organismo a um fim inscrito em um tempo anterior a sua constituição, a saber, ao estado inorgânico. É assim que se esboça o conceito de pulsão de morte. Freud assinala que, se todo o vivo morre por razões internas, *o objetivo de toda vida é a morte, as coisas inanimadas existiram antes das vivas* (Freud, 1996j/1920, p. 49).

É dentro desta ordem de considerações, nas quais a reflexão freudiana aparece totalmente do lado de uma especulação biológica, que Freud postula a origem da primeira pulsão, a de regressar ao inanimado. Como primeiro estado de tensão proveniente da passagem do estado inanimado ao animado, esta primeira pulsão surgiria como tentativa de nivelar o excesso de energia. Contudo, não explicita se a pulsão aparece como resultado do processo ou se é equivalente ao estado de tensão (Spilka, 1997).

Pois bem, o que se depreende do assinalado anteriormente não é somente a ausência de qualquer referência ao objeto da pulsão – objeto que, desde os *Três ensaios...* (Freud, 1996b/1905), aparece como contingente – mas a ausência de bases metapsicológicas, já que não é possível classificar este conceito segundo os seus termos, a saber: fonte, objeto, meta e pressão. Esboça-se também uma reflexão sobre a origem da pulsão que não encontra referência nem no processo repressivo, nem na dimensão fantasmática como fonte da pulsão, tal como adverte Spilka (1997). Cabe assinalar também a advertência de Jones (1997) de que o objetivo da pulsão de regressar ao estado anterior tampouco encontra apoio na biologia. O resultado é a transformação da pulsão em um conceito abstrato.

animáculos, um fluido nutritivo novo. Maupas e demonstraram a nível experimental a mortalidade. Contudo, a diferença de Woodruff, estes pesquisaram fluido novo no animáculo e nos seus descendentes. Woodruff a concluir que é o próprio produto protozoário que os conduzia à morte (Freud,

Pois bem, estas especulações revelam um desvio que a psicanálise não se edifica como teoria sóbiologista, mas como teoria sobre o inconsciente psíquico. Em ordem de considerações, situando em um mesmo nível a vida e a origem das pulsões, Freud redescritiva das características da pulsão e altera as categorias que sustentam a hipótese sobre a sexualidade inconsciente. As categorias que pertencem ao campo da biologia dos organismos buscam assegurar o caminho da vida, estabelece uma relação de equivalência entre pulsões e substância viva (Freud, 1996j/1920:51). Como a teoria da união das células germinativas supõe uma finalidade que parece adequar-se mais ao campo da necessidade de reprodução. Nesse sentido, a dimensão pulsional ficaria subordinada à necessidade, quando é a partir da psicanálise que a sexualidade não se reduz à função sexual. Freud, convencido de que todas as pulsões buscam, mediante a repetição, restabelecer o estado anterior, entende que a pulsão de morte, este estado anterior correponde ao da matéria inanimada, Freud interroga qual é a natureza do estado originário no que se refere às pulsões. Entretanto, ao mito do andrórgino, de Platão, que associa a característica da pulsão a necessidade de restabelecer o estado anterior ou seu caráter regressivo, mesmo reconhecendo a sua natureza fantástica. Tal como adverte Laplanche (1974), o que depreende é a de uma sexualidade pré-formada, que é parte do sujeito, por alcançar o que desde o nascimento é presente; concepção muito diferente da natureza das pulsões assinalada antes desta mudança radical ocorrida a partir de 1920.

Uma reflexão mais detida sobre o estatuto da sexualidade nestes anos remete, pelo menos, a dois lados, com as mudanças ocorridas a partir da introdução da psicanálise do conceito de narcisismo, a sexualidade concebida como elação aos desejos do ego, para ser substituída por um desejo de amor ao Outro.

acerder a ele. Diz Green (1997), em outro trabalho: *Talvez esta denominação [de Eros] não seja tanto mítica, quanto que busca um modo de expressão apto para reunir os diversos registros de uma vida erótica ampliada numa dimensão a que ninguém, antes de Freud, tinha estendido* (Green, 1997, p. 43; tradução e colchete dos autores).

No que se refere à categoria de temporalidade, *Além do princípio...* (Freud, 1920/1996j) revela os meandros de uma reflexão baseada na crítica que Freud tece a respeito da tese de Kant, segundo a qual tempo e espaço são *formas necessárias de pensamento* (Kant, citado em Freud, 1920/1996j, p. 39). O que se deduz destas considerações não é uma recusa da temporalidade linear e cronológica, mas a ênfase na intemporalidade dos processos psíquicos inconscientes, que não se ordenam cronologicamente, são inalteráveis com o passar do tempo e dotados de uma temporalidade própria que se expressa na repetição.

Entretanto, muito embora Freud, em *Além do princípio...* (Freud, 1920/1996), destaque a intemporalidade dos processos inconscientes, é possível detectar inúmeras contradições e um modo de abordar determinados enunciados que vão alterando sucessivamente as teorizações anteriores. Como assinala Bercheret (1994), cada proposição considerada isoladamente pode parecer em si justificável, mas quando estas proposições se encontram juntas, não somente se excluem entre si, como chegam inclusive a excluir a representação do objeto de partida. O recurso a teorias biológicas, que pareciam a Freud de caráter científico, tais como as de Weismann, Woodruff e Hering, com a finalidade de dar fundamento orgânico à sua teoria das pulsões, não sem deparar-se com a filosofia de Schopenhauer e importar modelos míticos (mito do androgino, de Platão) para especular sobre a origem das pulsões de vida, inserem-se nesta ordem de considerações.

Assim, Freud recorre a determinadas teorias da ciência natural a fim de dar fundamento orgânico às pulsões de vida e à pulsão de morte. Ocorre entretanto que, como a concepção mecanicista, em particular, a físico-fisiologista da pulsão, explica apenas parcialmente este desenvolvimento teórico, Freud introduz a dimensão da história (Freud, 1920/1996j). Segundo Bercherie (1996), o registro biológico se converte, em *Além do princípio...* (Freud, 1920/1996j), em um registro único para Freud, irredutível ao campo físico-químico e caracterizado pela dimensão da história. Tentativa que se justifica em Totem e Tabu (Freud, 1913/1996f), em Sinopsis dos neuroses de transferência (Freud, 1989), assim como construção da fantasia primordial. E nada mais útil do que recorrer ao darwinismo, pois nela se conjugam história e biologia. Bercherie esclarece que ao utilizar

desenvolvimentos teóricos e clínicos sexualidade inconsciente uma tensão. Sobretudo quando se confirma que Freud está relacionado com o desenvolvimento do aparelho psíquico.

No que se refere à dimensão biopsicopedagógica, no pensamento freudiano, revelou-se sempre de acordo com determinadas linhas de raciocínio, variantes evolucionistas-ontogenéticas e filogenéticas-instintuais e evolucionistas. Ordenação que possibilita focalizar com um olhar mais preciso e menor distorção, que, ao conceber o biológico no sentido de uma elaboração teórica, por obscurecer questões que ainda

Anteriormente, conjecturamos hipóteses da biologia ocorreu desenvolvimento da sua disciplina, importância de seus termos e da fundamentação das hipóteses propostas. A análise da literatura revela que a hipótese que fundamenta a teoria da evolução não é uma operação acabada, mas um reconhecimento de uma outra cena, de um processo de transmutação de determinadas estruturas psicológicas em metapsicológica. Desvela-se, também, a pulsão no rastreamento e no desvendamento das estruturas psicanalíticas de realidade e de tempo, que se manifestam tanto pela biologia e pelo campo da consciência quanto pelo inconsciente.

Neste sentido, o desenvolvimento de Freud permite trilhar outros caminhos, tarefa de reformulação conceitual intencionalmente voltada para justificar suas hipóteses, mas de reconstruir os mecanismos de seus movimentos, vislumbrar as relações entre uma ponte com os postulados pós-freudianos, buscando buscar uma espécie de ressignificação, reconhecendo que, nas perspectivas limítrofes, a psicanálise continua relacionada com os naturalistas e sociais (Caparrós, 1996), aparecendo como recurso para dar conta das transformações decompostas desde o ponto de vista

- Barbosa, M. N. P. (2001). *El concepto de pulsión en la obra de Freud*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa em “Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos”, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, Espanha.
- Bercheret, J. (1994). Une ‘pulsion’ qui n’en finit pas de mourir. *Revue Française de Psychanalyse*, 58, 361-376.
- Bercherie, P. (1996). *Génesis de los conceptos freudianos* (J. Piatigorsky, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1983)
- Caparrós, N. (1996). Lo esencial en psicoanálisis. Em I. Sanfeliu (Org), *Nuevos paradigmas psicoanalíticos* (pp. 13-33). Madrid: Quipú.
- Delouya, D. (1992). O biológico em Freud: ‘Corpo estranho’ ou heresia? *Percuso: Revista de Psicanálise*, 4, 39-45.
- Freud, S. (1989). *Sinopsis de las neurosis de transferencia* (A. Vicens, Trad.). Barcelona: Ariel. (Original publicado em 1985)
- Freud, S. (1990a). A interpretação dos sonhos (W. I. de Oliveira, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1990b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (V. Ribeiro, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1990c). Caráter e erotismo anal (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 159-168). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (1990d). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (D. Marcondes, J. B. Corrêa, W. I. Oliveira, D. Mussa, C. S. Costa, J. Salomão & P. D. Corrêa, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, 217-228). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (1990e). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 221-230). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911)
- Freud, S. (1990f). Totem e tabu (O. C. Muniz, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-164). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Freud, S. (1990g). A disposição à neurose obsessiva. Uma contribuição ao problema da escolha da neurose (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 335-350). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Freud, S. (1990h). Um caso de paranoíia que contraria a teoria psicanalítica da doença (T. O. Brito, P. H. Brito & C. M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 267-284). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (1990i). Conferências introdutórias sobre psicanálise (J. L. Meuer, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 15 e 16). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (1990j). Além do princípio de prazer (E. A. M. Souza, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-76). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996k). A organização genital infantil: Uma introdução à sexualidade (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 1-10). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996l). Um estudo autobiográfico (C. M. Oiticica, Trad.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 10-78). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996m). Projeto para uma psicologia científica (J. Salomão, Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-450). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Gay, P. (1989). *Freud. Una vida de nuestro tiempo* (J. Piatigorsky, Trad.). Paidós. (Original publicado em 1988)
- Green, A. (1990). *De locuras privadas* (J. L. Etcheverry, Trad.). (Original publicado em 1986)
- Green, A. (1997). *Las cadenas de Eros. Actualidad de lo sexual*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Grubrich-Simitis, I. (1989). Metapsicología y metabolología en la neurosis de transferencia (A. Vicens, Trad.). Barcelona: Paidós. (Original publicado em 1985)
- Jones, E. (1997). *Vida y obra de Sigmund Freud, Tomo III* (M. Hora, Trad.). Aires: Lumen-Hormé. (Original publicado em 1960)
- Kristeva, J. (1998). El escándalo fuera del tiempo. Em J. Laplanche (Org.), *El extravió biologizante de la sexualidad* (Vol. I, pp. 109-127). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Laplanche, J. (1973). *Vida y muerte en psicoanálisis* (M. Horwitz, Trad.). Amorrortu. (Original publicado em 1970)
- Laplanche, J. (1993). *El extravió biologizante de la sexualidad* (J. Kristeva, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1983). *Vocabulário da Psicanálise* (J. B. Pontalis, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1988). *Fantasia originaria, fantasía* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Perron, R. (1991). Des diverses sens du terme ‘modèle’ et ‘théorie’ en psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, 55, 22-38.
- Ricoeur, P. (1970). *Freud: Una interpretación de la cultura* (A. Vicens, Trad.). Siglo XXI. (Original publicado em 1965)
- Sandler, J. (1982). Reflexiones sobre algunas relaciones entre la psicoanálisis y la práctica psicoanalítica. *Revista de Psicología*, 1, 1-12.
- Soriano, J. F. (1995). *Psicoanálisis y biología. Aspectos convergentes*. Madrid: Cátedra.
- Spilka, J. (1997). Reflexiones en torno a “Más allá del principio de placer”. *Psicoanálisis*, 26, 83-106.
- Sulloway, F. J. (1981). *Freud, biólogo de l'espíritu* (J. Lelaidier, Trad.). Arthème Fayard. (Original publicado em 1979)